



Estimativas indicam aumento de 52,48% na produção de laranja na safra 2017/2018

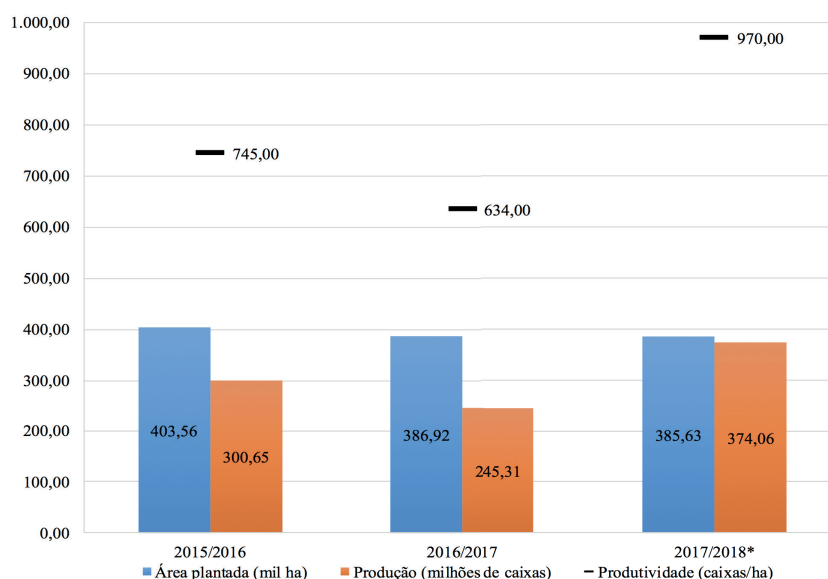
Segundo dados do Fundo de Defesa da Citricultura (Fundecitrus), a estimativa de produção de laranja na safra 2017/2018 é de 374,06 milhões de caixas de 40,8 kg. Esse valor representa um aumento de 52,48% frente as 245,31 milhões de caixas produzidas na safra 2016/2017.

Condições meteorológicas favoráveis nos meses de abril, maio e junho de 2017 tiveram papel importante sobre a estimativa de aumento na produção, pois

contribuíram para o desenvolvimento dos frutos. Com isso, espera-se uma produtividade média de 970 caixas/ha na safra 2017/2018, valor 53% maior ao observado na safra 2016/2017. Estas informações estão dispostas no Gráfico 1.

Nos Estados Unidos, as condições meteorológicas adversas prejudicaram a produção de laranja na Flórida. Segundo pesquisa realizada pelo *United States Department of Agriculture* (USDA),

há uma previsão de que sejam produzidas 54 milhões de caixas na safra 2017/2018, uma redução de 21% frente ao fechamento da safra anterior. Em setembro deste ano, o furacão Irma atingiu parte do cinturão citrícola do país, deixando muitas áreas inundadas. Esse evento refletiu nos contratos futuros do suco concentrado e congelado na bolsa de Nova Iorque, que registraram alta para entrega em novembro/17.



* Estimativa.

Gráfico 1 - Área plantada, produção e produtividade nas safras 2015/2016, 2016/2017 e 2017/2018 de laranja no Brasil. Fonte: Fundecitrus (2017), Projeto Campo Futuro CNA (2017), CIM/UFLA.

Segundo boletim publicado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o volume da fruta in natura exportado pelo Brasil até outubro deste ano foi 6,78% superior ao mesmo período de 2016. A situação da citricultura no país, e nos Estados Unidos, indica que as exportações devem se manter em alta, refletindo também a maior atratividade do mercado externo em detrimento ao mercado interno.

A receita média do produtor de laranja nas regiões de Minas Gerais e São Pau-

lo apresentou cenário favorável entre os meses de maio e outubro de 2017. Os aumentos registrados a partir de julho/17 resultaram em uma Receita Bruta (RB) 12,22% maior ao final do período analisado.

Já os custos de produção da laranja nessas regiões foram menores em outubro/17, comparados aos valores de maio/17. As reduções foram de 0,61% no Custo Operacional Efetivo (COE) e de 0,57% no Custo Operacional Total (COT). Esse comportamento foi ocasionado

principalmente pelas variações nos custos com fertilizantes (- 1,99%) e produtos fitossanitários (- 4,74%).

O cenário desfavorável da produção de laranja nos Estados Unidos indica que a demanda internacional pela fruta poderá aumentar na próxima safra. Apesar das estimativas de aumento na oferta brasileira em 2017/2018, as cotações do suco concentrado e congelado poderão favorecer o citricultor, e os preços da laranja in natura poderão seguir tendência semelhante.

Margens de lucro da produção de uva estão maiores em Marialva/PR e Petrolina/PE

Os custos de produção da uva acompanhados pelo projeto Campo Futuro nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Pernambuco em 2017, refletem as diferentes realidades produtivas do Brasil.

No município de Bento Gonçalves/RS, a propriedade típica definida pelos participantes do painel de levantamento de custos de produção possui uma área de 6 hectares, dividida entre as cultivares “Isabel” e “Merlot”. A primeira, que ocupa 60% da área, é destinada ao mercado interno. A segunda ocupa o restante, e se destina à produção de vinhos. Destaca-se que a comer-

cialização da uva nessa região, segundo os participantes do painel de levantamento de custos, é balizada pela Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Entre julho/17 e outubro/17, os custos operacionais da uva “Isabel” apresentaram aumento de 0,03%. Houve reduções nos custos com fertilizantes (1,08%) e produtos fitossanitários (-2,09%), que foram superadas pelos aumentos nos demais grupos de custos. A Margem Líquida (ML = RB – COT) foi negativa em R\$ 708,20/tonelada em julho/17, e -R\$ 708,66/tonelada em outubro/17.

Já na produção da uva “Merlot”, os custos operacionais foram menores em outubro/17, comparados aos valores do início do segundo semestre. O COE se reduziu em 0,16% e o COT em 0,13%, resultado de menores custos com fertilizantes (-1,76%) e produtos fitossanitários (-2,02%). Tanto em julho/17 quanto em outubro/17 a ML foi negativa em, respectivamente, R\$ 1.148,77/tonelada e R\$ 1.145,49/tonelada. Esses dados estão demonstrados no Gráfico 2.

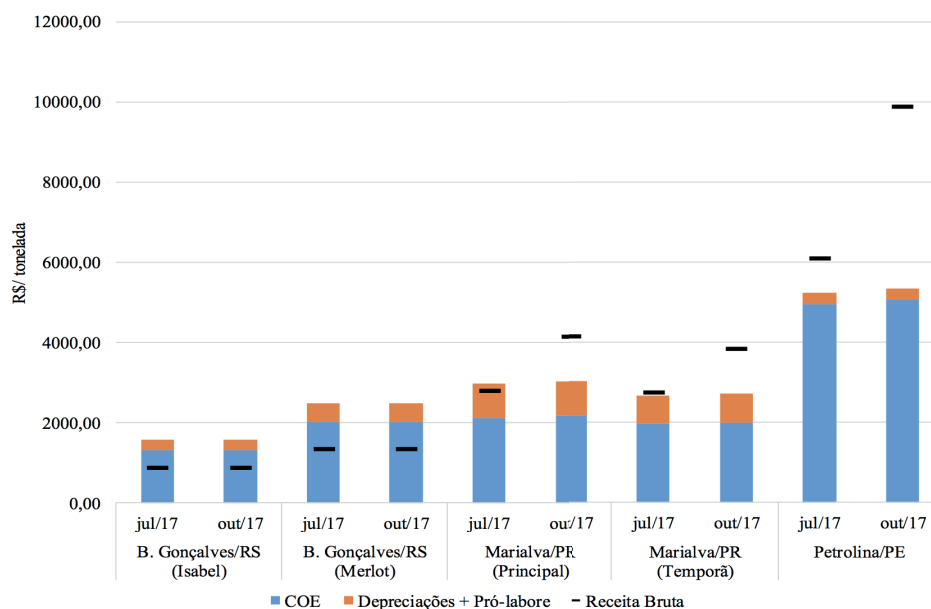


Gráfico 2 - COE, Depreciações + Pró-labore e Receita Bruta da produção de uva em Bento Gonçalves/RS, Marialva/PR e Petrolina/PE. Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), CIM/UFLA.

Na propriedade típica do município de Marialva/PR, a produção é dividida em safra principal e temporã. A principal ocorre de junho a janeiro, e a temporã de novembro a julho. Segundo participantes do painel, na região predominam as cultivares “Benitaka” e “Rubi”, e a produção é destinada ao abastecimento do mercado interno.

Na safra principal, os maiores custos em outubro/17 com mecanização (+3,95%), fertilizantes (+0,68%) e colheita e pós-colheita (+8,80%) resultaram em aumentos no COE e no COT de, respectivamente, 1,83% e 1,31%. O acréscimo de 48,21% na RB do produtor entre julho/17 e outubro/17 conferiu ao produtor uma ML positiva em R\$ 1.127,92/tonelada ao final do período analisado.

Os custos operacionais da safra temporã também foram maiores em outubro/17. Comparados aos valores de julho/17, COE

e COT foram 1,61% e 1,19% maiores, respectivamente. Esse aumento foi resultado do comportamento dos custos com mecanização (+4,34%), fertilizantes (+2,02%) e colheita e pós-colheita (+7,22%). A RB do produtor também foi maior entre os meses analisados, fazendo com que a ML passasse de R\$ 75,85/tonelada em julho/17 para R\$ 1.139,08/tonelada em outubro/17.

Já no Vale do São Francisco, a propriedade típica definida no painel realizado em Petrolina/PE é caracterizada pela produção da uva sem semente. Nessa região, 35% da produção destinam-se à exportação, e 65% ao mercado interno. Ressalta-se que a diferença expressiva dos custos operacionais em relação às demais regiões se deve aos custos de pós-colheita.

Entre julho/17 e outubro/17, houve aumentos no COE e no COT de 2,15% e 2,03%, respectivamente. Esse comportamento

resultou de maiores custos com fertilizantes (+12,13%) e colheita e pós-colheita (+3,46%). A RB do produtor também foi superior ao fim do período (+61,62%). Com isso, a ML de julho/17, que já era positiva em R\$ 861,50/tonelada, passou para R\$ 4.519,57/tonelada em outubro/17.

De acordo com dados extraídos da web, a qualidade dos frutos e a redução na oferta interna do produto nos meses analisados pode ter ocasionado aumento nos preços da uva no mercado interno. Dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) registraram aumentos expressivos nas exportações entre agosto/17 e setembro/17 (+756,54%) e entre setembro/17 e outubro/17 (+223,35%).

Exportações brasileiras de abacate nos últimos 5 anos superaram a soma dos 16 anos anteriores

De acordo com o estudo “Brasil Food Trends 2020”, as exigências e tendências dos consumidores mundiais de alimentos giram em torno de novos hábitos de consumo, onde se destacam a sustentabilidade e o bem-estar. Considerado um produto nobre e saudável, o abacate vem sendo cada vez mais consumido no mundo.

Os maiores importadores de abacate são os Estados Unidos, principal destino das exportações mexicanas e a União Europeia, principal destino das expor-

tações brasileiras. Alguns países como China e Rússia, onde até pouco tempo a fruta não era apreciada, têm aumentado suas importações de abacate do México e de países latino-americanos.

Em 1997, o Brasil exportou um total de 259,98 toneladas de abacate, sendo 96,70% dessa quantia destinada à União Europeia. Os principais países importadores da fruta brasileira foram França (126,23 toneladas), Holanda (65,12 toneladas) e Espanha (40,38 toneladas).

Como se observa no Gráfico 3, houve um aumento expressivo nas exportações totais dos últimos 21 anos. Em 2017, até o mês de outubro, o Brasil já havia exportado 7.829,08 toneladas de abacate. Desse total, 95,75% foi destinado à União Europeia, destacando-se a Holanda, Espanha e França que, juntos, importaram 94,29% do abacate brasileiro. Nos últimos 5 anos, as exportações totais somaram 27.527,95 toneladas, quantidade superior ao que foi exportado de 1997 a 2012 (24.539,02 toneladas).

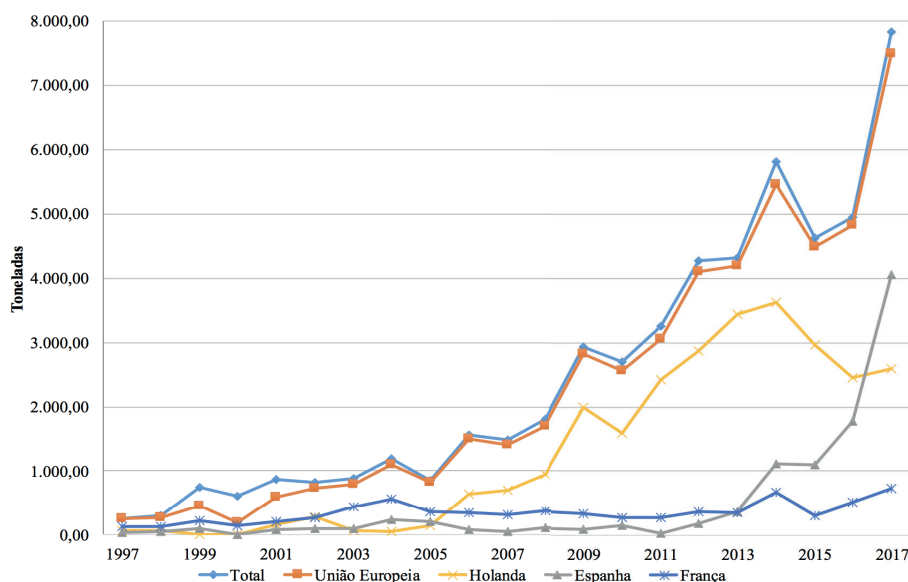


Gráfico 3 - Quantidade de abacate exportada pelo Brasil: Total, União Europeia, Holanda, Espanha e França.
Fonte: Aliceweb, MDIC (2017), Projeto Campo Futuro CNA (2017), CIM/UFLA.

Entre os anos de 2006 e 2014, o aumento nas exportações brasileiras de abacate foi impulsionado principalmente pela Holanda, que passou de 638,19 toneladas no primeiro ano, para 3.630,89 toneladas no segundo. Durante esse período, as importações holandesas representaram 64,87% do total exportado pelo Brasil.

As importações da Espanha, que em 1997 corresponderam a 15,53% de todo abacate exportado pelo Brasil, apresentaram o maior aumento no período analisado. Em 2017, esse país importou 4.055,31 toneladas, o que representou 51,80% do total exportado até outubro deste ano. Nos últimos dois anos, a Espanha importou um total de 5.833,37 toneladas de abacate do Brasil.

Dentre os países analisados, a França apresentou o menor aumento nas importações do abacate brasileiro entre 1997 e 2017. Em 1997, o Brasil exportou 126,23 toneladas dessa fruta para a França, representando 48,55% do total daquele ano. Em 2017, as importações francesas somaram 730,35 toneladas, 9,33% do abacate exportado até outubro.

Na conjuntura atual do mercado de abacate, segundo informações extraídas da web, as exportações mexicanas foram 10% menores de janeiro a outubro de 2017, quando comparadas ao mesmo período do ano anterior. Com isso, países como Chile, Colômbia e Peru ganharam espaço no mercado americano. Já em relação ao mercado europeu, o Brasil possui vantagens logísticas quanto ao tempo de trânsito para a Espanha e para Roterdã, o

que pode ter contribuído para o aumento de suas exportações em 2017.

De acordo com o acompanhamento de custos de produção do abacate, realizado pelo projeto Campo Futuro, de janeiro/17 a outubro/17 houve uma redução de 0,18% no Custo Operacional Total (COT) de Piraju/SP, devido aos custos menores com fertilizantes e produtos fitossanitários. Em São Gotardo/MG, o COT apresentou um aumento de 2,33% no mesmo período; mas houve redução nos custos com fertilizantes nesta região. Quanto à Receita Bruta (RB), no município paulista houve uma redução de 20,45% entre janeiro/17 e outubro/17. E no município mineiro, onde não há oferta do produto para alguns meses do período analisado, essa variação foi positiva em 20,00%.

Oscilações na Receita Bruta do produtor de banana impactaram nas margens de lucro

O projeto Campo Futuro levantou os custos de produção das bananas “Caturra” e “Prata” em três regiões produtoras em 2017. Nos municípios de Corupá/SC (bananas Caturra e Prata) e Janaúba/MG (banana Prata), os custos operacionais apresentaram reduções entre julho/17 e outubro/17. Apenas em Jaíba/MG (banana Prata) houve aumentos no Custo Operacional Efetivo (COE) e no Custo Operacional Total (COT).

Todas as regiões apresentaram o mesmo comportamento nas variações dos grupos de custos. As reduções ponderadas nos custos com produtos fitossanitários e colheita e pós-colheita foram de 8,94% e 9,23%, respectivamente. Foram registrados aumentos nos custos com mecanização (+ 4,99%) e fertilizantes (+ 4,77%). Em Jaíba/MG, devido a sua participação de

aproximadamente 40% na composição do COE, o comportamento dos custos com fertilizantes ocasionou um aumento dos custos.

De acordo com o Boletim Hortigranjeiro da Conab, a situação de oferta elevada das bananas Caturra e Prata teve início em maio/17. A Receita Bruta (RB) do produtor em julho/17 resultou em Margens Líquidas (ML = RB – COT) positivas apenas na produção da banana Prata, nos municípios de Corupá/SC e Janaúba/MG. Esses valores foram de R\$ 782,83/tonelada e R\$ 6,42/tonelada, respectivamente. Em Jaíba/MG, a ML foi negativa em R\$ 145,42/tonelada. Na produção de banana Caturra em Corupá/SC a RB foi inferior ao COE em R\$ 90,38/tonelada.

Em agosto/17, a oferta de banana Prata permaneceu aquecida em todo país, e a de banana Caturra apresentou leve aumento em Santa Catarina. Observa-se no Gráfico 4 que houve reduções na RB em todos os municípios analisados.

No mês seguinte, segundo informações da Conab a demanda por banana Caturra foi maior, resultando em aumento de preços em todo país. Observou-se também maior custo-benefício do mercado interno em relação ao externo. Os aumentos na RB de Corupá/SC (banana Caturra), Janaúba/MG e Jaíba/MG resultaram em ML positivas apenas nos dois primeiros municípios, de R\$ 28,57/tonelada e R\$ 121,74/tonelada. Houve redução na RB da produção de banana Prata em Corupá/SC que, apesar de menor, ainda gerou ML positiva.

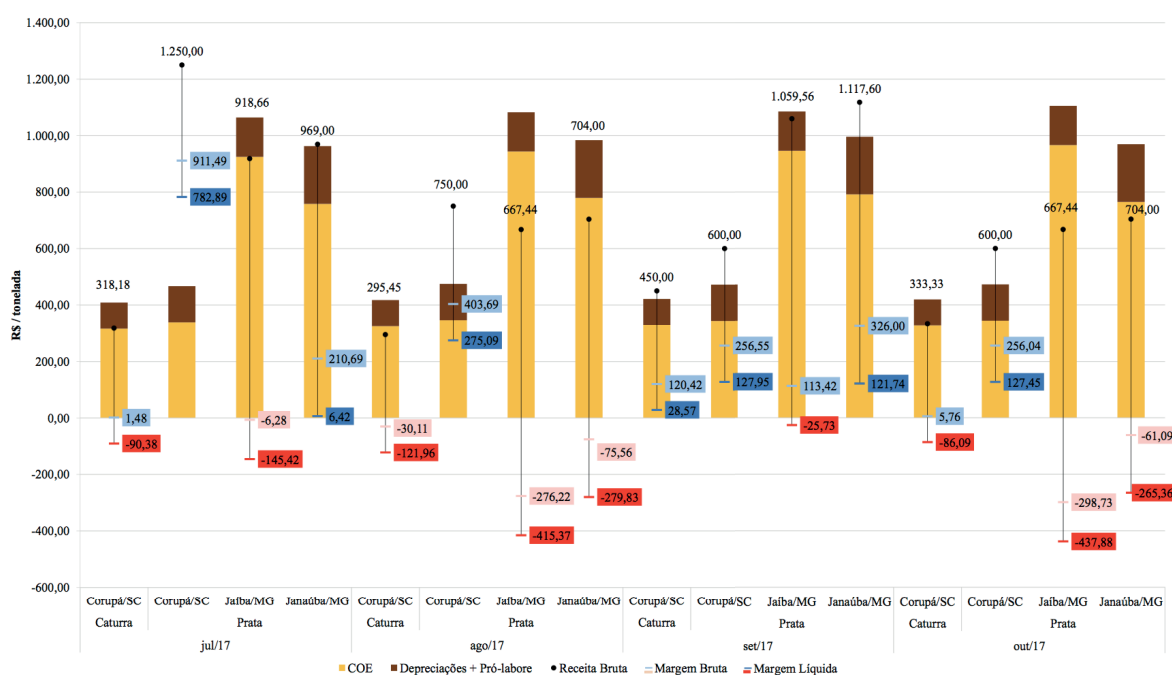


Gráfico 4 - COE, Depreciações + Pró-labore, Receita Bruta, Margem Bruta e Margem Líquida da produção de banana. Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), CIM/UFLA.

A oferta das bananas Caturra e Prata seguiram elevadas no mês de outubro/17, e a demanda não foi suficiente para manter os preços nos patamares do mês anterior.

A produção de banana Caturra em Corupá/SC voltou a apresentar ML negativa, em R\$ 86,09/tonelada. Essa situação também ocorreu na produção

de banana Prata em Janaúba/MG e Jaíba/MG, onde as ML foram negativas em R\$ 265,36/tonelada e R\$ 437,88/tonelada, respectivamente.